Globethics Repository



Do lixo à reciclagem [From trash to recycling]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Grivot Cabral, Nara
Publisher	Editora UnilaSalle
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-08 03:11:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/152895

DIÁLOGO ISSN (2238-9024)
http://www.revistas.unilsalle.edu.br/index.php/Dialogo
Canoas, n.31, abr. 2016

http://dx.doi.org/10.18316/2238-9024.16.22

Submetido em: 30/09/2015
Aceito em: 02/04/2016

Do lixo à reciclagem: Ressignificando saberes e fazeres

Nara Grivot Cabral[1]
Isabel Cristina Vargas[2]
Isabel Cristina Fagundes[3]
Franciele Biscarra dos Santos[4]
Nathalia Contursi Ribeiro[5]

Resumo: Atualmente, vivemos um modelo de desenvolvimento focado no individualismo exacerbado, no consumismo, no desperdício e na desigualdade social. Essas situações têm exigido da sociedade e dos gestores públicos respostas não apenas técnicas, mas, principalmente, humanas. Este trabalho apresenta a experiência extensionista dos acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Metodista - IPA em uma Unidade de Triagem de resíduos sólidos em Porto Alegre (RS), desenvolvida mediante inserções informais e do Grupo Comunitário.

Palavras-chave: Sociedade de consumidores; Lixo e reciclagem; Unidade de Triagem; Psicologia Social.

From trash to recycling: Re-signifying knowledge and doings

Abstract: Nowadays, we live a development model focused in an exasperated individualism, consumerism, in waste, and social inequality. These situations have been demanding answers from society and public gestors, not only technical, but mainly, human. This paper presents the extensionists experience by academics of psychology at Centro Universitário Metodista – IPA in a solid waste triage unit, in Porto Alegre/RS, developed through informal insertion and the community group.

[1]Psicóloga, doutora em Educação, professora de ensino superior no Centro Universitário Metodista – IPA, em Porto Alegre/RS, vinculada ao curso de Psicologia, coordenando o projeto de extensão Costurando Identidades, desde 2014. Integra a coordenação executiva da organização não governamental Moinhos da Cidadania: Projetos de Desenvolvimento Social, desde abril de 2015. E-mail: naragrivot@hotmail.com ou nara.cabral@metodistadosul.edu.br

[2] Estudante de Psicologia e bolsista de extensão no projeto Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: belvargas2002@yahoo.com.br

[3]Psicóloga e voluntária no projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: fagundesisabel@gmail.com

[4] Estudante de Psicologia e voluntária no projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: franciele_biscarra@hotmail.com

[5] Estudante de Psicologia, fazendo Estágio Profissionalizante I no projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: nathaliacontursi@gmail.com

Keywords: Consumer Society; Trash and Recycling; Triage Unit; Social Psychology.

Introdução

> Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um mundo irreversível (Boaventura de Sousa Santos, 2006).

Na sociedade moderna, a descartabilidade tem sido característica dos seres humanos e das relações que eles estabelecem entre si, seguindo a lógica na qual estão inseridos: consumir. Nela, a produção do "refugo", inclusive humano, tem sido inevitável, um problema inseparável da modernização que está em curso, o que tem exigido da sociedade respostas não apenas técnicas, mas, principalmente, humanas (BAUMAN, 2005). Nesse modelo de desenvolvimento, a indústria de coleta e reciclagem do lixo tornou-se um ramo da produção moderna, encontrando-se em rápido crescimento, decorrente tanto da explosão do consumo de produtos industrializados, quanto da forma de viver em sociedade, onde tudo é descartável, inclusive pessoas.

Diferentemente do *consumo*, algo essencial às atividades rotineiras dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo da sociedade, sendo definido por Bauman (2008, p. 41) como "um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes". Daí o autor afirmar que o consumismo se transformou na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, de reprodução sistêmica, surgindo quando o consumo assume o lugar que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Passamos da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores.

Para enfrentar a insatisfação recorrente do desejo, o sujeito/consumidor mantém o descarte contínuo dos objetos no mesmo ritmo em que mantém o consumo. Tudo aquilo que não serve mais para atender ao desejo é imediatamente descartado, substituído, removido, ou seja, destinado à lata de lixo. Nessa lógica, o consumismo constitui-se não somente em um dispositivo de captura da subjetividade, mas igualmente em uma força que cresce e estimula a indústria do lixo e a desigualdade social. Descartamos objetos e sujeitos na mesma intensidade.

Por um lado, se o *consumismo* expande-se sem limites na sociedade moderna como uma força propulsora do modelo capitalista dominante, por outro lado, no *espaço*

do mercado, "a contradição e a competição ocorrem entre o paradigma do consumismo individualista e o paradigma das necessidades humanas, da satisfação decente e do consumo solidário", conforme Santos (2005, p. 338). Este último, chamado por Santos de paradigma emergente, está centrado em outra lógica, em que os meios de satisfação estão a serviço das necessidades humanas e não mais do consumismo individualista. No paradigma emergente, o *espaço do mercado* é apenas mais um entre os diversos modos de organização do consumo, convivendo com outros caminhos de experimentação social e de (re)conhecimento do outro. Portanto, nesse deslocamento do consumismo individualista para as necessidades humanas tem se produzido outros modos de vida, como os movimentos de busca pelo *comércio justo*, pelo *consumo solidário* e pela *satisfação decente*, em curso em diversos países ao redor do mundo, de norte ao sul, notadamente no Brasil, a exemplo das experiências em economia solidária (CATTANI, 2003; HESPANHA, 2009; SANTOS, 2005) e da reciclagem de materiais sólidos (BORTOLI, 2013; CARVALHO, 2008).

Este ensaio apresenta a experiência extensionista dos acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Metodista-IPA em uma Unidade de Triagem (UT) de resíduos sólidos do Bairro Navegantes, em Porto Alegre (RS), desenvolvida mediante inserções informais e do Grupo Comunitário.

Mudança de paradigma: do lixo à reciclagem de resíduos sólidos

Atualmente, as "soluções alternativas" buscadas para o problema da crise do modelo de desenvolvimento referem-se à escolha de caminhos que levem em conta o crescimento acelerado da população e, consequentemente, do volume de resíduos sólidos. Sobretudo, deve-se considerar a existência de uma parcela significativa da população que vive do trabalho com o lixo.

No contexto brasileiro, os governos, em suas diferentes esferas de atuação, têm sido cada vez mais exigidos a investir no gerenciamento e na gestão integrada dos resíduos sólidos. Isso sem perder de vista o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis (lixo seco) que propiciem a inclusão social e econômica desses trabalhadores.

Em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, são geradas em média 2,2 mil toneladas de lixo por dia, totalizando pouco mais de 1 kg de lixo por habitante. No município, a coleta seletiva de resíduos sólidos reaproveitáveis é executada pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) desde 1990, sendo Porto Alegre a segunda capital do país a implantar esse serviço e a realizar um trabalho de sensibilização da população na separação dos seus resíduos, segundo dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (DMLU, 2015).

Os resíduos sólidos separados pela população transformam-se em trabalho e renda para um contingente significativo de pessoas que trabalham de forma individual ou organizadas coletivamente em associações e/ou cooperativas. Daí afirmar que a consciência política da população em separar os resíduos sólidos acaba contribuindo não só para o processo de reintegração dos catadores e recicladores no mundo do trabalho, mas, especialmente, para a preservação do meio ambiente e o reconhecimento desses trabalhadores como agentes de transformação socioambiental.

Os materiais separados e comercializados por associações ou cooperativas de reciclagem são chamados de resíduos sólidos, como plástico, papelão, papel, alumínio, vidro e isopor, entre outros. Porém, para serem reutilizados, esses resíduos sólidos não podem estar misturados com materiais orgânicos, pois serão contaminados e não haverá possibilidade de reciclá-los. De forma diferente, os materiais orgânicos contaminados são descartados como rejeito e encaminhados para a Estação de Transbordo na Lomba do Pinheiro e posteriormente para o Aterro Sanitário, no município de Minas do Leão, distante cerca de 100 km de Porto Alegre.

Com essa política de gerenciamento, os resíduos sólidos reaproveitáveis (lixo seco) são distribuídos nas 19 Unidades de Triagem conveniadas com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA). Nesses locais, ocorrem a separação, a prensa e a venda do material, gerando trabalho e renda para os trabalhadores formalmente organizados em associações e/ou cooperativas.

Cabe ressaltar a Lei nº 12.305, de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos no país, com “o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis” (PNRS, 2010). Desde então, as metas de eliminação dos lixões a céu aberto

estão associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais recicláveis nos serviços de coleta seletiva, tornando-se um desafio para os gestores públicos devido ao importante papel desses trabalhadores, não só para o serviço de limpeza urbana, mas, principalmente, para o processo de gestão e educação ambiental, na promoção da não-geração, da redução, da reutilização e da reciclagem de resíduos sólidos.

A Unidade de Triagem como campo de experimentação social

Nesse contexto, insere-se a Unidade de Triagem (UT) Frederico Mentz, localizada no Bairro Navegantes, em Porto Alegre (RS), tendo a sua gestão realizada por uma cooperativa de educação ambiental e reciclagem. Essa cooperativa foi formalmente constituída em abril de 2011, a partir da iniciativa de três educadores populares, com o objetivo de "ser um espaço de oportunidade de trabalho para pessoas em situação de desemprego, diante dos avanços tecnológicos", segundo os seus gestores. A cooperativa ocupa um espaço físico amplo e bem organizado, com o galpão de reciclagem funcionando na parte de trás do terreno, destinado ao trabalho de separação dos resíduos sólidos. Nele, os trabalhadores prensam, agrupam em fardos e negociam autonomamente a venda desses materiais para a indústria de reciclagem e/ou reaproveitamento (DMLU, 2015).

Em 2014, a UT passa a por um processo de reestruturação a partir da parceria com a PMPA e o Instituto Coca-Cola Brasil, com o investimento de cerca de R$ 400.000,00 em um projeto de melhoria de equipamentos, infraestrutura e condições de trabalho, que resultou na reforma do galpão de reciclagem e na aquisição de maquinários e equipamentos, como esteira elétrica e bolsas de rodas (*bags*) para a separação de resíduos, entre outros. Desde então, tem sido perceptível o aumento gradativo no ritmo da produção dos recicladores, com a esteira proporcionando maior agilidade na triagem e separação dos resíduos sólidos. Atualmente, a UT recicla cerca de 60 toneladas ao mês; a expectativa dos gestores é passar para 150 toneladas de material reciclado ao mês no próximo ano.

Os trabalhadores associados à cooperativa são pessoas que moram nas proximidades do local e na Região das Ilhas de Porto Alegre, principalmente na Ilha do

Pavão e na Ilha dos Marinheiros, sendo a maioria mulheres, na faixa etária entre 19 e 63 anos, somando um efetivo que varia de 20 a 30 pessoas. A renda mensal pode chegar a R$ 1.200,00, oscilando conforme a qualidade dos resíduos descarregados na UT pelos caminhões da coleta seletiva do DMLU. Na visão dos recicladores, a renda mensal diminui quando "o lixo está ruim", ou seja, quando o lixo seco recolhido nas residências está misturado com produtos orgânicos. Essa situação da baixa qualidade do material reciclável repete-se com frequência no dia a dia de trabalho na UT, ocasionando um impacto direto na renda dos trabalhadores, que recebem semanalmente com base em sua produtividade, além de trazer dificuldades enormes ao trabalhador individual, à vida coletiva na UT e à gestão realizada pela cooperativa.

Uma característica que chama a atenção nessa UT é o predomínio de pessoas de uma mesma família, o que traz sentimentos ambivalentes para todos. Por um lado, o trabalho em família remete a um sentimento de confiança e segurança entre elas; por outro lado, há padrões de relacionamentos e de afetos familiares que se confundem com as demandas e exigências do mundo do trabalho, naturalizando funções e responsabilidades centralizadas e pouco compartilhadas entre as pessoas, devido à posição que determinados trabalhadores ocupam em sua família, muitas vezes potencializando as dificuldades de comunicação e os conflitos interpessoais.

Nesse caso, é perceptível a naturalização de certas atitudes em relação ao trabalho, como a falta de responsabilidade e de comprometimento de alguns com a produção coletiva na UT. São atitudes que reproduzem a visão individualista predominante na sociedade capitalista moderna (BAUMAN, 2005; 2008), ao mesmo tempo em que traduzem a dificuldade de eles dimensionarem o impacto da cada posição singular no andamento do trabalho coletivo de triar, separar e reciclar, como refere um trabalhador: "se não estou a fim, fico em casa sem ganhar, mas posso retornar sem problemas".

Outro aspecto relevante dessa UT é a alta rotatividade de trabalhadores. Muitos deles não se adaptam à função da reciclagem e às responsabilidades e organização do trabalho formal, como o horário de trabalho e a carga horária semanal a serem cumpridos, o que gera uma permanente necessidade da cooperativa em "formar e reciclar" pessoas para o trabalho no galpão de triagem. A rotatividade tem sido um dos fatores de grande preocupação dos gestores, agravada atualmente pela necessidade de

desconto dos encargos sociais, como o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), motivando o desligamento de alguns que veem nessa mudança um fator de despesa financeira e não de benefício social.

A experiência dos acadêmicos em Psicologia Social

> Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos (Paulo Freire, 2002).

A Psicologia Social tem sido desafiada pela sociedade e pelo próprio campo de conhecimento a desenvolver práticas que contribuam para a transformação das relações de poder, sem reproduzir os modelos do sistema dominante, que se tornaram hegemônicos nesse campo de saber (ANDRADE; MORATO, 2004). Para tanto, os profissionais que atuam com problemáticas sociais têm sido convocados a dialogar com os aspectos políticos das práticas *psi* e, consequentemente, com as relações de poder que fazem parte do campo do saber (JOVCHELOVITCH, 2008; SPIVAK, 2010). Nesse sentido, a reflexão crítica sobre o contexto sociopolítico das práticas psicológicas e a proposição de projetos sociais que fortaleçam o seu compromisso ético-político tornam-se essenciais (VERONESE; GUARESCHI, 2005), principalmente em áreas emergentes de atuação do psicólogo, como as políticas públicas, a economia solidária e a reciclagem de resíduos sólidos.

Na perspectiva das práticas emergentes, insere-se a experiência dos acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Metodista – IPA, por meio do projeto de extensão *Costurando Identidades*, realizada desde agosto de 2014 em uma Unidade de Triagem localizada no Bairro Navegantes, em Porto Alegre (RS). No projeto, a Psicologia tem como objetivo principal fortalecer os trabalhadores da reciclagem associados à cooperativa que faz a gestão da UT, estimulando a criação de uma rede de solidariedade entre eles e a comunidade. Com isso, busca-se promover um espaço sistemático de diálogo que possibilite a valorização das histórias de vida e a troca de experiências, saberes e fazeres, fortalecendo os processos de autonomia, autoestima e confiança.

As atividades realizadas pelos acadêmicos da Psicologia estão voltadas diretamente para os trabalhadores da reciclagem e indiretamente para os gestores da

cooperativa. Tomam-se como metodologia de atuação as *inserções informais* no galpão de reciclagem e as *atividades em grupos* com os recicladores, valendo-se dos seguintes recursos metodológicos: observação participante, rodas de conversa, dinâmicas de grupo, entrevista individual, filme, poesia e carta autobiográfica. Aos alunos é solicitado o registro da experiência em diário de campo para sistematização da prática acadêmica e da investigação da realidade social.

Os encontros dos acadêmicos da Psicologia com os trabalhadores da reciclagem acontecem semanalmente, às sextas-feiras à tarde, e são organizados conforme as demandas e necessidades que emergem dos trabalhadores e da gestão, priorizando-se as inserções dos acadêmicos no galpão de reciclagem, as conversas informais com os recicladores e o Grupo Comunitário realizado em uma sala da cooperativa. Tem-se como proposição ampliar o trabalho da Psicologia com o desenvolvimento de um grupo de Economia Solidária, ainda em fase de sensibilização e planejamento, com o objetivo de reforçar as alternativas de trabalho e renda, com foco na autogestão (ALBUQUERQUE, 2003; SVARTMAN, 2008).

Atualmente, a área da Psicologia está composta por seis alunos (um Bolsista de Extensão, um aluno em Estágio Profissionalizante I, três alunos em Estágio Básico II e um aluno Voluntário), uma psicóloga voluntária (formada pelo Centro Universitário Metodista) e uma professora supervisora-coordenadora. Além das atividades desenvolvidas diretamente com os recicladores, há encontros sistemáticos de supervisão realizados quinzenalmente no campus central do IPA para troca de informações, relatos de experiências, formação da equipe, avaliação e planejamento das atividades, bem como organização de materiais para apresentação em eventos científicos e acadêmicos.

A Psicologia vem desenvolvendo atividades de intervenção na perspectiva do fortalecimento dos vínculos sociais e comunitários, estimulando os processos de restabelecimento da autonomia e da autoestima dos trabalhadores (VERONESE; GUARESCHI, 2005). Além disso, as práticas *psi* também se propõem a pensar estratégias de trabalho em diálogo com a realidade local (JOVCHELOVITCH, 2008), sempre acolhendo as demandas que surgem a cada encontro semanal, procurando construir atividades que estimulem a reflexão sobre as relações interpessoais, a importância da participação individual para o trabalho coletivo e vice-versa, conforme elucidado nesta seção.

O Grupo Comunitário é realizado pelos acadêmicos da Psicologia por meio de uma roda de conversa com os trabalhadores da reciclagem, com duração de aproximadamente uma hora. O grupo é aberto (participa quem tem interesse), em um ambiente livre de julgamentos em que se prioriza o acolhimento dos relatos de vida, dos saberes e dos fazeres de cada participante, assim como os sentimentos desencadeados pela dinâmica do próprio grupo. Eventualmente, profissionais de outras áreas são convidados a participar das atividades, como ocorreu com os cursos de Farmácia e Enfermagem do IPA em setembro de 2015, com a realização da oficina de educação e saúde, atendendo à demanda inicial de conhecer e avaliar os hábitos de vida e as condições de saúde dos trabalhadores. No mês de outubro de 2015, agendou-se a participação da psicóloga e da assistente social do Centro de Referência em Assistência Social - CRAS/Farrapos, com o intuito de aproximar os recicladores das políticas públicas, esclarecer sobre o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e sobre os critérios e formas de acesso aos benefícios de proteção social.

Essas participações eventuais propostas pela área da Psicologia têm a finalidade de aproximar os trabalhadores da luta pela garantia dos direitos sociais e reforçar o protagonismo cidadão na construção da rede de solidariedade voltada as demandas e necessidades dos trabalhadores da reciclagem. A ideia de estímulo à construção de uma rede de solidariedade passa pela experiência de fortalecer o conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam cada indivíduo a outros indivíduos e amplia-se à medida que se percebem a cooperação e a solidariedade como atitudes transformadoras do ambiente e das relações sociais no espaço do trabalho, da família, da comunidade e da cultura (BRONFENBRENNER, 1996).

Atualmente, é possível perceber que os gestores da cooperativa têm demandado interlocuções e intervenções cada vez mais frequentes, a serem realizadas pelos acadêmicos da Psicologia, principalmente no que se refere às dificuldades que eles encontram na relação com o grupo de trabalhadores. De forma recorrente, os gestores trazem a fragilidade no estabelecimento de vínculos e a necessidade de fortalecimento da relação entre o grupo de trabalhadores, assim como é perceptível no grupo de recicladores certa atitude de desconfiança e de pouca compreensão sobre o que a gestão espera deles e prospecta para eles.

Cientes dessas dificuldades, a metodologia de atuação dos acadêmicos do curso de Psicologia, mediante inserções informais no galpão de triagem e intervenções em grupo, tem priorizado a organização do coletivo - tanto na organização do trabalho da reciclagem, quanto na organização política do grupo - como uma estratégia de aproximação das demandas existentes entre os gestores e os recicladores, sempre atentos à realidade da coleta seletiva implementada pelo DMLU no município de Porto Alegre. Nesse sentido, tem sido recorrente a necessidade de estimular a própria cooperativa a pensar-se como um empreendimento econômico solidário (GAIGER, 2009), formado pela associação de trabalhadores da reciclagem.

De outro modo, a exigência de contribuição individual dos recicladores para o INSS, proposta pelos gestores em meados de 2015, por exemplo, foi recebida por alguns com o sentimento de desconfiança e de medo ao reconhecerem nela somente uma despesa e/ou possibilidade de perda de benefícios socioassistenciais, como o Programa Bolsa Família[6], sem compreenderem os benefícios oriundos da Previdência Social ao aderirem a esta modalidade, como o direito a aposentadoria por idade.

Nesse contexto, é importante destacar que essas famílias se encontram em situação de pobreza, por isso são beneficiadas pelas políticas de assistência social, estando bastante despreparadas para ingressar e manter-se no mundo do trabalho de forma autônoma e independente, principalmente se considerarmos que a produtividade no galpão de triagem é incerta e depende da qualidade da separação do lixo doméstico e da coleta seletiva realizada pelo DMLU, já comentada anteriormente. Portanto, essa situação traz à tona a contradição existente entre a dimensão da proteção social e a dimensão do trabalho, principalmente quando há perda de outros benefícios sociais oferecidos pelo governo ao trabalhador que passa a contribuir com o INSS, mesmo ele estando inserido em um contexto de grave vulnerabilidade socioeconômica e, por conseguinte, distante do conceito de vida plena e produtiva.

Vale ressaltar que o funcionamento da cooperativa não depende apenas dos recicladores que passam seus dias em frente à esteira separando os resíduos ou à espera das toneladas de lixo descarregadas diariamente pelo caminhão da coleta seletiva. Para

6 O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Ver mais em: //mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia.

que a “rede” possa funcionar, é preciso dar conta de tudo que envolve o dia a dia desses trabalhadores. Além deles, fazem parte desse espaço outros dispositivos importantes, como a gestão da cooperativa, a participação das instituições de apoio e seus colaboradores (projetos de instituição de ensino superior, com seus professores e alunos), as políticas públicas executadas por setores e órgãos do governo, envolvendo desde a política nacional de resíduos sólidos até a coleta seletiva do município realizada pelo DMLU, assim como as políticas de seguridade social.

Percebendo isso, a atuação da Psicologia mantém o foco na abertura de espaços de diálogo individuais, interpessoais, comunitários e institucionais que possibilitem a troca de experiências entre os recicladores e os profissionais de áreas diversas. Incentiva-se o engajamento em questões que ampliem o esclarecimento sobre a proteção básica e os direitos sociais, notadamente sobre a situação de famílias de baixa renda e em vulnerabilidade social (CRUZ; GUARESCHI, 2012), e sobre os princípios de solidariedade, cooperativismo e de autogestão, necessariamente vivenciados em uma cooperativa de gestão popular, tensionada cotidianamente pela lógica do capital, atualmente em sua versão neoliberal (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005).

O conceito de desenvolvimento humano é chave para o trabalho desenvolvido pela Psicologia, sendo aqui entendido como o conjunto de processos pelos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida (BRONFENBRENNER, 1996). Ou seja, considera-se que os processos individuais são afetados pelas relações entre os ambientes imediatos e pelos contextos mais amplos em que os recicladores estão inseridos, em especial a cultura e os valores capitalistas.

A impressão que fica é a da necessidade de ampliar o trabalho com o fortalecimento dos vínculos entre gestores, recicladores e comunidade. Para tanto, devem-se realizar ações em conjunto que possam promover um melhor entendimento das demandas individuais e coletivas e, consequentemente, um melhor desenvolvimento do trabalho associado para que o cotidiano do trabalho proporcione a desejada harmonia e a inclusão socioprodutiva dos trabalhadores dessa Unidade de Triagem.

Nesse sentido, ampliar a metodologia de trabalho da Psicologia com o desenvolvimento do Grupo de Economia Solidária tem sido a meta para o próximo

período de atuação. Isso não só como "uma resposta ao estrangulamento financeiro do desenvolvimento, à desregulação da economia e à liberação do movimento do capital" (SINGER, 2003, p. 116-117), ou seja, como alternativa ao trabalho e a renda; mas principalmente como mobilização do protagonismo cidadão dos recicladores ao ter como foco o resgate do trabalho associado e da autogestão.

Por fim, é importante ressaltar que as atividades de extensão universitária têm propiciado um espaço privilegiado de troca de saberes e fazeres entre os acadêmicos da Psicologia e os trabalhadores da reciclagem, aproximando os estudantes da complexidade da vida e suas demandas sociais. Ao mesmo tempo, essa experiência tem proporcionado aos acadêmicos uma oportunidade de vivenciar os conteúdos aprendidos em sala de aula diretamente na prática extensionista, trazendo para o Centro Universitário Metodista (IPA) um novo conhecimento produzido nesse encontro do ensino com a extensão, ou seja, da Psicologia com a reciclagem.

Considerações Finais

Os recicladores de lixo, "heróis não decantados da modernidade", como afirma Bauman (2005, p. 39), dia após dia, repetidamente, reanimam a linha de fronteira entre ordem e caos, útil e refugo, incluído e excluído, ou seja, entre o que está dentro e fora do universo humano. Entretanto, a tarefa de manutenção dessa linha de fronteira entre o que é "bom" (aproveitável) e "ruim" (não aproveitável) tornou-se necessária para o conjunto da sociedade, afirma o autor, não podendo ser deixada unicamente com esses trabalhadores. Dela depende a sobrevivência moderna, sobretudo a forma de vida em sociedade, em que a separação, a coleta e a reciclagem do lixo se tornaram etapas imprescindíveis de um sistema integrado de educação e gestão ambiental.

É nesse contexto que se insere a experiência do grupo de acadêmicos de Psicologia do IPA, realizada desde agosto de 2014 junto aos trabalhadores da reciclagem associados a uma cooperativa, com o objetivo de fortalecer os processos de autonomia, autoestima e confiança entre os recicladores e a cidade à qual pertencem. Nossa prática aponta desafios e limites advindos do contexto social e político desses trabalhadores, inseridos em uma sociedade de consumidores organizada pela lógica do descarte e, consequentemente, da geração permanente de resíduos e refugos, inclusive

humanos, como alertam os sociólogos Bauman (2005; 2008) e Santos (2005; 2006). Trata-se de uma sociedade onde o resíduo se renova e o reciclador se desgasta pela falta de ações concretas que atendam às suas necessidades humanas fundamentais, tais como educação, saúde, moradia, alimentação, segurança, lazer, etc.

Pensar mecanismos capazes de fortalecer a autonomia dos envolvidos nesse processo tem sido o papel da equipe formada por professora e alunos de graduação do curso de Psicologia do IPA. Esse é um campo de atuação pouco conhecido pelos psicólogos que geralmente causa confusão entre o público em geral e até mesmo entre a comunidade acadêmica e a categoria profissional, com questionamentos sobre ser esse realmente um trabalho para a Psicologia. E qual é o lugar legítimo da Psicologia: esse lugar único, predefinido, existe? É necessário estar sempre se reinventando, e a vida acadêmica, para ter sentido, deve misturar-se à realidade que pretende investigar e conhecer.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Autogestão. In: CATTANI, Antonio David. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 20-26.

ANDRADE, Ângela Nobre de; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n.2, p. 345-353, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. No começo era o projeto. Ou o refugo da construção da ordem. In: _____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005, p. 17-45.

_____. **Vidas para o consumo.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

BORTOLI, Mari Aparecida. Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e conformações. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 248-257, jul./dez. 2013.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei 12.305**, de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/lei-12-305-2010-pnrs/view>**.** Acesso em: 18 mai. 2014.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CARVALHO, Ana Maria Rodrigues de. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis – COOCASSIS**. Espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência. 2008. (Doutorado em Psicologia). 310 f. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CATTANI, Antonio David. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CRUZ, Lílian Rodrigues da; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima Articulações entre a Psicologia Social e as Políticas Públicas na Assistência Social. In: _____. **O psicólogo e as políticas públicas de assistência social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.15-34.

DMLU. Departamento Municipal de Limpeza Urbana. **Caminhos do lixo**. Unidades de triagem. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu/default.php?p_secao=113>. Acesso em: 16jul. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimento Econômico Solidário. In: HESPANHA, Pedro. et al. (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia.** Coimbra, Portugal: Almedina, 2009, p. 181-187.

HESPANHA, Pedro et al. (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia.** Coimbra, Portugal: Almedina, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**. Representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRÍGUEZ, César. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 23-78.

SINGER, Paul. Economia solidária. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 116-125.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SVARTMAN, Bernardo Parodi et al. Reflexões sobre as Condições Psicossociais do Exercício da Autogestão. In: CORTEGOSO, Ana Lúcia; LUCAS, Miguel Gambelli.

(Orgs.). **Psicologia e Economia Solidária:** interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 39-52.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da psicologia social crítica. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n.2, p. 58-69, 2005.